

# POLITITICA



Glauco Mattoso

# POLITITICA

*Corrego*



## SUMMARIO

Ora, deixa como está para ver como é que fica!  
Quem mandou pisar na bosta? Agora limpa a sujeira!  
Merda no moedor  
Manifesto esqueerdista  
Poemanifesto da antigymnastica preguicista  
Quando governa a caserna (i)  
Quando governa a caserna (ii)  
Quando governa a caserna (iii)  
Quando governa a caserna (iv)  
Mais perdido está quem vota do que cego em tiroteio.  
Si na moda a foice está, mais cabeças rollarão.  
Rollemão  
Foi feijão, batata doce... Mais repolho e ovo cozido.  
Rondó do corró  
Triolé do piccolé  
O brazil, bem definido, é o paiz do faz-de-compta.  
O eleitor attento escuta o que diz um candidato.  
Sextina para uma botina  
Dum canapé cannibal (i)  
Dum canapé cannibal (ii)  
Dum canapé cannibal (iii)  
Dum canapé cannibal (iv)  
Quem cheirou chulé demais não extranhe a sinusite!  
Quer fumar sua maconha mas meu gosto discrimina.  
Que emergencia! A sua adjuda eu imploro,  
urgentemente!  
No jardim do meu vizinho teem as flores mais perfume.  
A fartura alli foi tanta que ninguem mais comer quiz!

Duvidar do meu olfacto ninguém ousa, pois sou cego.  
Canto do cantho das castas menos castas  
Rezando os terços certos  
O melhor perfume está no menor frasco, o mais caro.  
Ha productos de limpeza com cheirinho de limão.  
Água agora se rationa até para tomar banho.  
Perfeição escultural tem o corpo da mulher.  
Um escandalo é fedido, mas dinheiro não tem cheiro.  
Duma linda bocca quero beijo igual ao mel mais puro.  
Aproveite enquanto pode tomar banho demorado.  
A vantagem dessa crise é mais gente com chulé.  
Vícios visceraes  
Si não fede, si não cheira, não tem graça a poesia.  
Addoesce o adolescente do fedor que delle emana.  
Pé de porco ou caviar? Dobradinha ou escargot?  
Que mammata! A propaganda será paga por quem vota!  
Mais choveu, mais cae o nivel do systema canthareira.  
Nas mulheres não se batte nem siquer com uma flor.  
O inimigo a gente accusa de fazer o que fazemos.  
Eu te odeio, tu me odeias, mas, por seres meu, sou teu.  
Eu não entro no fla-flu, pois meu time é de outra cor.  
Basha bazi  
Si correr, o bicho pega. Si ficar, o bicho come.  
Tem de tudo, até quem faça culinaria com a porra!  
Disse gandhi: olho por olho, todos cegos ficaremos.  
Quando a merda n'água batte sobe um jacto e molha o  
rego.  
É mais facil ser poeta que empurrar cego em ladeira.  
Mais ninguém pode dizer de qual água beberá.  
Ode inelegiaca  
Os politicos teem tudo que eu jamais terei na vida!  
Me convocam, mas recuso! Não serei mais candidato!

Mingau das almas  
Dica que fica  
Colla na sola  
Fezes que se prezem  
Damninha espinha  
Adherente e repellente  
Gatta que empatta  
Quem se pella por remella?  
Ouvidos de mercador  
Desaffio dental  
No bojo do nojo  
Auctor e obra





# Apresentação

Antonio Vicente Seraphim Pietroforte

NNNONNONNONNONNONNONONO

Ora, deixa como está  
para ver como é que fica!

Em politica, não ha  
melhor phrase que defina  
o que fica na latrina:  
"Ora, deixa como está!"  
Quem alli cagou não dá  
a descarga, mas dá dica  
de que equal acha a titica  
ao seu voto, a merda ao motte.  
No cagão você que vote  
para ver como é que fica!

Ja na merda até o pescoço,  
fazes tu reclamação  
ao politico, que não  
vê perigo nesse fosso:  
- Tu te adaptas! Guenta, moço!  
Si lamentas tua zica,  
o politico replica  
e risada ainda dá:  
- Ora, deixa como está  
para ver como é que fica!

Quem mandou pisar na bosta?  
Agora limpa a sujeira!

Quando alguém diz que não gosta  
de política, mas vota  
no ladrão, só borra a bota:  
Quem mandou pisar na bosta?  
Mal seu pé naquillo encosta,  
sente o que o governo cheira!  
O eleitor erra a primeira,  
na segunda o voto nega:  
confiou na excolha cega,  
agora limpa a sujeira!

## MERDA NO MOEDOR

Burgueiros teem tambem seu dia, mas  
precisa um hamburgolatra cuidado  
tomar com o que moem, quer do gado,  
das aves ou da soja, pois se faz  
hamburger de minhoca, até! Capaz  
que seja (Nossa!) algum de carne humana!  
Ouvi fallar que pagam boa grana  
por bundas de cadaveres obesos!  
Depois de mortos, putas, pobres, presos  
darão insumo àquelle que os prophana...

Quiçá conspiratoria, tal versão  
supuz dos naturebas ser provinda.  
Denuncia circulou, mais grave ainda,  
vazando que os hamburgueres ja são  
sandubas de cocô! Que mais dirão?  
De minha parte, digo: tempo perde  
quem tenta convencer-me! Que me emmerde  
ja basta a vida chata! Ao paladar  
si aggrada, nada tenho que evitar  
e adepto dum burgão sou feito um nerd...

## MANIFESTO ESQUEERDISTA

Confesso-me e professo  
a fé num "esqueerdismo"  
eschizo, no qual scismo  
que faço meu progresso:  
no verso, ja nem peço  
licença de ser dextro  
nem "gauche" e tenho um sestro  
politico a favor  
do lado "fingidor"  
que aos cegos eu sequestro.

Por mais conservador  
que possa parecer,  
masoca é meu prazer  
de escravo aos pés da dor,  
mas, como bom actor,  
sou sadico: gracejo  
e zombo do desejo.  
Portanto, liberal  
me vejo e, como tal,  
engajo-me sem pejo.

## POEMANIFESTO DA ANTIGYMNASTICA PREGUICISTA

Não basta um "viva e deixe viver"! Tem  
que haver detalhamento do bordão!  
Tambem um "coma e deixe comer" vem  
ao caso, quando o medico diz não!  
Talvez um "beba e deixe beber" bem  
se applique, quando alguém é beberrão!  
Mais vale um "durma e deixe dormir", sem  
barulho, quando o insomne tenta em vão!  
Mas durma quem quizer e beba alguém  
aquillo que quizer! O comilão  
que coma, a gosto, quanto lhe convem!  
Si alguém quizer viver, mesmo que pão  
lhe falte, seu direito tem! Porem,  
mactar-se poderá ser sua opção!  
Emfim, ninguém por outrem vive, nem  
por outrem come ou obra o cagalhão!  
Aquillo que é saudavel ao recém  
formado doutorzinho, ao ancião  
talvez mais sacrificio imponha! Zen  
nem todo mundo almeja ser! O Cão  
nem sempre é o mais malvado alli no Alem!  
Em vez dum Zeus tyrannico e mandão,  
Prefere o satanista ser refem  
de alguém que sim lhe diga e mais razão  
encontra no peccado, ou mais obtem  
no vicio, que no medo ou no perdão!  
Um outro diz a Juppiter amen!  
Saudavel seja a mente em corpo são,

mas quando alguém faz disso um nhenhenhen  
achando que saúde é malhação,  
um trouxa perde nisso algum vintem  
e ganha algum experto outro tostão!  
Portanto, um movimento, ou dez, ou cem,  
já faço tendo um garfo em minha mão  
ou mesmo sem talheres, pois susteem  
dois dedos da comida uma porção!  
Ao coppo que levanto é que se attem  
a quota de exercício à refeição!  
Não busco num bordel ou num harem  
o orgasmo que procura meu irmão!  
Jamais minha semente faz nenem,  
mas basta algum pezão ao meu tesão!  
Apenas esta insomnia me mantém  
poeta e preguiçista, sem visão...

## QUANDO GOVERNA A CASERNA (I)

Num quartel desactivado  
descoberto por acaso  
foi um typo inusitado  
de mictorio, extranho vaso.

Tem, no fundo, um furo, usado  
num castigo immundo e raso.  
Na parede, do outro lado,  
fica alguém, si for o caso.

E, si o caso é de castigo,  
muita coisa a ver commigo  
tem: por isso me interesseo.

Syndicando do aparato,  
enthusiastico, eu constato  
que, entre os recos, fez successo.



## QUANDO GOVERNA A CASERNA (II)

No regime militar  
teve largo emprego o troço,  
mas ninguém ousou fallar.  
Finalmente, em verso, eu posso.

Na abertura circular  
a cabeça entrava, e nosso  
oppressor nos quiz mijar  
bem na cara, eu cito e endosso.

Sob o queixo, um preso tem,  
empoçada, a urina, bem  
perto e fetida, a enjojal-o.

Desse mijo, uma porção  
já desceu, mas pelo vão  
da garganta e não do rallo.

### QUANDO GOVERNA A CASERNA (III)

De joelhos, alguém tinha  
que ficar, peito encostado  
na parede. A cara vinha  
sahir, presa, do outro lado.

Si um recruta a mijadinha  
dar quizesse, esse coitado  
que lhe abrisse a bocca! A minha  
já se abriu assim, a um sado.

Ja bebi mijo na marra,  
mas meu caso não esbarra  
num collar, de louça, igual.

Typo tal de pelourinho  
nunca vi, mas adivinho  
o suffoco seja qual.

## QUANDO GOVERNA A CASERNA (IV)

Me contaram que o sujeito,  
logo apoz levar o jacto  
bocca addentro, era um perfeito  
chupador, exposto ao acto.

Disse um reco: "Eu aproveito  
que está aberta a bocca e tracto  
de metter-lhe a rolla! O jeito  
é chupar, sinão lhe batto!"

Foi assim que, num quartel,  
o esquerdistista ao prazer bel  
ficou, ante o direitista.

Hoje o reco está vencido,  
mas, cabreiro, eu não duvido  
que o perigo ainda exista.

Mais perdido está quem vota  
do que cego em tiroteio.

"Preferível era a bota  
do regime militar,  
que sabia governar!  
Mais perdido está quem vota,  
pois escuta só lorota  
e os eleitos fazem feio!"  
Isso ouvi fallar, no meio  
das pessoas com quem lido  
e calei-me, mais perdido  
do que cego em tiroteio.

O caralho tem fedor  
de sebinho, mijo e porra.  
Sem ninguem que me socorra,  
vou na bocca ter que pôr  
esse entrave e chupador  
me tornar! Quem, sem asseio,  
vem foder-me é quem me veiu  
pedir voto! Isso é chacota!  
Mais perdido está quem vota  
do que cego em tiroteio!

Si na moda a foice está,  
mais cabeças rollarão.

Jihadistas por Allah  
decapitam e, na rede,  
documentam sua sede,  
si na moda a foice está.  
Aqui temos isso, ja.  
Começou no Maranhão  
e qualquer juiz ladrão  
por la pode ser lynchado.  
Si o Brazil for consultado,  
mais cabeças rollarão.

## ROLLEMÃO

Ganhei, de aniversário, um tal de spinner,  
brinquedo helicoidal que agora gyra,  
veloz, entre meus dedos e elimina  
estresses, si o rumor não for mentira.

Variam os formatos, mas pequena  
se mostra a variedade, excepto em feira  
daquellas clandestinas, onde a scena  
nazista se cultuua e o mal se esgueira.

Pois é: fiquei sabendo que funciona,  
em forma duma swastika, ora em hora  
rodando, ou antihoraria, seja a dona  
do gyro mão que brinca ou mão que adora.

Racismo é sempre crime que se puna,  
si pello em ovo encontra quem procura.  
Prefiro o rollemão commum, communa  
não sendo, nem nazista na figura.

Aquelle que ganhei não nos enganna:  
por tactil e veloz ser, minha cara  
tem, quando sou mais sancto que sacana,  
tocando, tonto, o spinner, que dispara.

Foi feijão, batata doce...  
mais repolho e ovo cozido.

Quiz comer, não foi? Damnou-se!  
Eu falei que não combina!  
A razão da fedentina  
foi feijão, batata doce...  
Ja lhe disse que só fosse  
comer onde temos ido,  
pois jamais eu me convido  
a almoçar numa espelunca  
e, também, não como nunca  
mais repolho e ovo cozido!

Minha amiga, por que expoz-se  
ao ridiculo uma lady?  
Pois fez feio! Agora peide!  
Foi feijão, batata doce...  
e outra coisa até que fosse!  
O problema é que o ruído  
equivale ao que é fedido  
qualquer peido desse aroma...  
A proposito, não coma  
mais repolho e ovo cozido!

## RONDÓ DO CORRÓ

Um homem, quando perde a liberdade  
e sua independencia, se reduz  
àquillo que se applica a quem faz jus  
a alguma punição da sociedade,  
na ronda do rondó correccional.

Não basta estar recluso attraz de grade!  
Ceguemol-o! Privado elle da luz,  
se torna obediente! Até suppuz  
jamais haver um cego que se evade,  
na ronda do rondó correccional.

Com minha experiencia de jurista,  
constato que cegal-o é o melhor meio  
de fugas evitar! Si perde a vista,  
alem do mais, subjeita-se ao que leio  
accerca da cegueira: quem resista  
não ha, quanto ao castigo e quanto ao freio,  
na ronda do rondó correccional.



## TRIOLE DO PICCOLÉ

Um poster da Gelato eu tenho mostrando que o "Perepepé" formato de pé tinha, engenho de alguém que fez da minha fé sorvete, do qual fui ferrenho freguez e do qual digo: até desejo, torço e faço empenho que volte... no sabor "chulé"!

O Brazil, bem definido,  
é o paiz do faz-de-compta.

"Mais rigor" não faz sentido  
nem na pena alguém põe fé,  
pois burlesca nação é  
o Brazil, bem definido.  
Dos poderes eu duvido  
si só farsa é o que se apprompta.  
Quando a gente se defronta  
com tamanha impunidade  
vê que somos, na verdade,  
é o paiz do faz-de-compta.

Quem nos fode a bocca diz  
que meresce o nosso voto.  
Quem se elege, logo eu noto,  
nos divide em dois Brazis,  
o dos vis e o dos servis.  
Quem no nosso lombo monta  
diz que soffre a nossa affronta.  
Si immoral sempre tem sido,  
o Brazil, bem definido,  
é o paiz do faz-de-compta.

O eleitor attento escuta  
o que diz um candidato.

"Ah, seu filho duma puta!  
Vae tomar no cu, caralho!"  
Mesmo sendo um acto falho,  
o eleitor attento escuta,  
concluindo que é fajuta  
toda a pose do insensato.  
E mais ouve - "Inda te macto,  
seu cuzão, seu merda!" - até  
ver que nunca inspira fé  
o que diz um candidato.

"Eu prometto! Vou baixar..."  
(E eu entendo "...o nivel" nisso  
que elle chama "compromisso".)  
Só faltou fallar, no ar,  
"Vou foder, cagar e andar!"  
Nem precisa ouvir boato  
nem achar que eu desaccapto.  
Si tiver a mente arguta,  
o eleitor attento escuta  
o que diz um candidato.

## SEXTINA PARA UMA BOTINA

De André Vallias nunca lambi bota  
nem sei si pé pesado ou si pé leve  
tem elle, ou si teria de mim pena.  
O factó é que elle entrou na minha toca  
propondo algo que panno dá p'ra manga:  
fazer o que não é da minha compta...

Ou seja, uma sextina! Alguem me conta  
que é molde meio archaico e fé não bota  
no genero: prefere algum que leve  
mais rhymas e trabalho peça à penna.  
Eu proprio, pela parte que me toca,  
nem ligo e arregaçando vou a manga.

Chupeí ja tantas coisas! Chupei manga,  
sorvete, pirolito... Perco a compta  
de quantas vezes lambo a mesma bota!  
Sonnetto, ja fiz muito! O Demo leve  
tal calice e dum cego tenha pena!  
Dansar vou outra musica que toca!

No rhythmó da sextina, só me toca  
palavras repetir. Si o leitor manga  
daquelle que assim age, leve em compta  
que sempre ovaes os ovos são, que bota  
a pata ou a gallinha, e sempre leve  
é sua penna, igual à minha penna!

Si pena tem André da minha pena,  
lhe peço que, ao sahir da minha toca,  
empreste-me a botina que, qual manga,  
chupar eu tentarei, vezes sem compta,  
até que brilho ganhe e que outra bota  
não brilhe tanto e tracto igual não leve!

Emfim, que uma sextina breve e leve  
me tome o tempo e occupe um tanto a penna,  
é fardo que me calha e que me toca.  
Si deste resultado André ja manga  
e a todos feias coisas de mim conta,  
que importa? Na ferida o dedo bota!

Ninguem dum cego conta que lhe bota  
na cara o pé que o toca e delle manga,  
sextina sem que leve desta penna!

## DUM CANAPÉ CANNIBAL (I)

Carne humana? Tá brincando!  
Empadinhas? Ah, não creio!  
Mas que caso mais nefando  
me contaram, e mais feio!

Será mesmo? Desde quando  
gente morta foi recheio  
duma empada? Me contando  
vão que havia organs no meio!

Accontesce em Pernambuco:  
si o cadaver fica eunucho,  
se calcula o que moiam!

Mas não só colhões e paus  
dos recheios esses maus  
quituteiros dentro enfiam!

## DUM CANAPÉ CANNIBAL (II)

Que faz parte duma seita,  
se commenta, a quituteira.  
Seus comparsas, se suspeita,  
mactam putas com peixeira.

Depois, segue-se a receita:  
dos bumbuns tiram a beira  
e o miolo se aproveita  
mais o braço e a perna inteira.

Bem moida, com piccanha  
se parece. Nem extranha  
quem comer a carne: é gado!

Mesmo os labios da chochota,  
piccadinhos, ninguem nota  
no tempero dum salgado.

## DUM CANAPÉ CANNIBAL (III)

A empadinha foi vendida  
nos botecos da cidade.  
Que era boa só duvida  
quem comeu pela metade.

Nem reparam na comida  
os gulosos. Alguem ha de  
crer que gente perde a vida  
e que a empada um morto empade?

Só notaram que sumia  
uma puta ou outra. Um dia,  
descobriram, duma, a cova.

Outra puta esquarterada  
foi achada e, agora, a cada  
cova rasa, encontram nova.



## DUM CANAPÉ CANNIBAL (IV)

Quem fazia o salgadinho  
está preso, mas ainda  
não prenderam o damninho  
bando todo, acção bemvinda.

Por enquanto, eu adivinho,  
a policia não deslinda  
si os bandidos novo ninho  
teem naquella terra linda.

Pode até ser que ja trampa  
a quadrilha aqui por Sampa  
e comamos sua empada...

Não demora que um puteiro,  
no centrão, do travesseiro  
tenha a fronha ensanguentada...

Quem cheirou chulé demais  
não extranhe a sinusite!

Si hoje soffro de infernaes  
crises bronchicas, me deu  
dica a vida, pois fui eu  
quem cheirou chulé demais...  
As razões destes meus ais  
nem caresce que eu as cite.  
São do skate e do graffitti  
os marmanjos que eu lambi.  
Si alguém gosta disso ahi  
não extranhe a sinusite!

Quer fumar sua maconha  
mas meu gosto discrimina.

Não quer elle que se ponha  
na cannabis um defeito.  
Seu prazer, claro, eu respeito:  
quer fumar sua maconha  
sem receio nem vergonha.  
Mas pedi-lhe e elle, sovina,  
repelliu minha narina!  
O chulé que me faz bem  
no seu tennis elle tem,  
mas meu gosto discrimina.

Que emergencia! A sua adjuda  
eu imploro, urgentemente!

Não, nenhuma dor aguda  
me accomette, meu amigo.  
Mas é serio o que lhe digo!  
Que emergencia! A sua adjuda  
me chegando, tudo muda  
de figura! Sou doente  
por chulé! Você consente  
que eu lhe cheire os pés, mais nada!  
Uma simples cafungada  
eu imploro, urgentemente!

No jardim do meu vizinho  
teem as flores mais perfume.

Quando eu sinto, ja adivinho  
de onde parte aquella praga.  
Todo mundo mija e caga  
no jardim do meu vizinho!  
Sempre cruzo, no caminho,  
com os bebedos que a estrume  
fedem. Drogas, quem assume  
consumir? De exgotto é tão  
forte o cheiro, que ja não  
teem as flores mais perfume!

Não sou sempre tão escroto  
que um aroma bom não sinta,  
mas agora o que me pinta  
é que vaza meu exgotto,  
que me cheira a choco arrocto,  
e, si o fetido volume  
não fizer que se acostume  
meu olfacto de ceguinho,  
no jardim do meu vizinho  
teem as flores mais perfume.

A fartura alli foi tanta  
que ninguem mais comer quiz!

Satisfez-se quem bem janta.  
Se em pachou quem bem almoça.  
Quanta coisa! Minha nossa!  
A fartura alli foi tanta!  
Mas o dedo na garganta  
enfioi quem quiz um bis  
e seu vomito o nariz  
azedou de todo mundo!  
Foi fedor tão nauseabundo  
que ninguem mais comer quiz!

Tudo estava bom no almoço  
quando a thia traz um prato  
de miudos, que eu nem tracto  
de explicar, p'ra não ser grosso.  
E ella diz, chupando um osso:  
"Fui eu mesma, aqui, que fiz!"  
Todos tapam o nariz.  
Do fartum, que o olfacto espanta,  
a fartura alli foi tanta  
que ninguem mais comer quiz!

Duvidar do meu olfacto  
ninguem ousa, pois sou cego.

Varios typos tem o flato.  
Todos são, da bufa ao traque,  
fedorentos, e não ha que  
duvidar do meu olfacto.  
Só que, quando disse eu tracto  
num poema, sei que offego  
em vão, tanto que me entrego!  
Mas louvar, ao vento attento,  
meu poetico talento,  
ninguem ousa, pois sou cego.

## CANTO DO CANTHO DAS CASTAS MENOS CASTAS

Paizes populosos do planeta  
echoam mesmo canto em todo cantho  
e, emquanto um rico filho na punheta  
desfructa e tem prazer olhando, emquanto  
se esporra a rir, dez pobres filhos, teta  
não tendo onde mammar, nem tendo sancto  
ou anjo que os proteja, ou lhes prometta  
logar no céu, a vida acham madrasta.

Pyramide hierarchica, que tanto  
discurso ja rendeu, a sociedade  
de castas não me causa algum espanto,  
pois, cego que enxerguei, notei bem: ha de  
cruel muito nos homens, desencanto  
que apenas ao discipulo de Sade,  
bem como ao de Masoch, accaba em pranto  
com riso, e não contrista, mas contrasta.

Mais baixas entre todas, duas: a de  
merdeiros e a de putos. Da primeira  
faz parte o limpador que, na cidade  
sem vaso e sem exgotto, fedor cheira  
emquanto limpa e, mesmo que não nade  
no lodo, recolhendo vae, à beira  
da fossa rasa, a bosta que a vontade  
de tantos intestinos fez em pasta.

Nojenta profissão, pois, caso queira



comprar ou mendigar algo de quem  
lhe esteja accyma, aquella que é merdeira  
pessoa não recebe mesmo nem  
no rosto o olhar. As coisas da maneira  
mais secca são jogadas ao chão, bem  
aos pés do "superior" que, em plena feira,  
na rua da amargura a pobre arrasta.

De facto, uma "intocavel" é. Porem,  
existe uma "tocavel" casta, ao lado  
daquella, que meresce igual desdem.  
Refiro-me à das putas, que o veado  
inclue e o travesti mette tambem  
na compta. Todo filho abandonado  
foi antes "offertado" a algum deus sem  
clemencia, "protector" do pederasta.

A zona é um bairro inteiro favellado  
e alli todo enjeitado aprenderá  
as artes sexuaes, mas não me evado  
da chance de fallar que quem está  
na chuva se molhar vae, pois treinado  
será na fellação até quem ja  
perdeu a perna, a vista. Seu bocado  
de pão dum pau chupado não se affasta.

Ceguinho assim nascido, ou que tem má  
visão e a perderá, de alguma puta  
recebe as instrucções: como se dá  
de lingua o banho, como numa hirsuta  
e suja pelle a baba espalhar, la  
na dobra do courinho achar a bruta

pepita de sebinho e como pá  
usar as lambidellas... Bem, ja basta.

Na bocca, pois, resume-se a labuta  
do cego nessa casta, e na garganta  
que engole a fundo um phallo. Emquanto escuta  
as ordens e as risadas de quem canta  
de gallo, o cego sabe que desfructa  
daquillo quem enxerga. Não se espanta,  
portanto. Apenas reza, si fajuta  
não acha a velha crença, ja tão gasta.

Orando à tal Luzia como sancta  
que os cegos abbençoa, caso metta  
na bocca o mais immundo pau, ah, quanta  
paz intima elle alcança! Na sargeta  
se sente, mas agora não é tanta  
a sua desventura! Na punheta  
se basta e, pelos versos de quem canta,  
até que se consola a baixa casta...

## REZANDO OS TERÇOS CERTOS

Garanto ser verdade! Nos noventa,  
assim que totalmente eu ja cegara,  
meu guia a um indiano me apresenta.

Ao ver que é masochista a minha tara,  
o typo me confirma a informação  
que tenho: a um servo o cego se compara.

A ser o que, na India, os cegos são  
dispõe-se a me treinar: irei chupal-o  
tal como os KAMA SUTRA dão noção.

Me ensina a lhe engolir, a fundo, o phallo  
e aprendo a lingua e labios empregar  
com arte, em toda a glande e em todo o thallo.

Aos poucos, seus commandos meu azar  
realçam na cegueira. Mentalizo  
aquillo que o guru quer acclarar.

Emquanto ganho practica, elle diz o  
que devo imaginar. Concomitantes  
na mente estão trez ponctos, que emphatizo:

Primeiro, que não sou o que fui antes,  
humano ao todo e autonomo. Segundo,  
servir devo aos normaes, da vida amantes.

Terceiro, deve a língua, ao mais immundo  
sabor, corresponder com toques taes  
que façam quem enxerga amar o mundo.

Em mente os trez eu tenho e, quanto mais  
concentro o pensamento, mais a fria  
verdade se appresenta ante meus ais.

Durante a fellação, meu mestre via  
um filme, si quizesse, mas me diz  
que os olhos fecha emquanto se extasia.

E explica: "Momentaneo cego eu quiz  
ficar mas, desse incommodo, em seguida,  
livrei-me, vi de novo e fui feliz!"

"Você, que cego está por toda a vida  
futura, os abre apenas mentalmente,  
a cada movimento de lambida!"

"Suppõe-se em meu logar, como eu, na mente,  
estive em seu naquelle momentinho.  
Entende? Minha sorte é differente!"

Ja nesta oral missão não engattinho.  
Tornei-me especialista em chupar, como  
qualquer cego indiano... ou veadinho.

E, emquanto eu, cego, amargo como o pomo  
devido, um guru sadico aos céus ora  
por não tomar na bocca como eu tomo.

Poupado da cegueira, commemora  
a graça que recebe, pois da benta  
bondade, em qualquer fé, fiquei de fora.

O melhor perfume está  
no menor frasco, o mais caro.

A mulher, si bella, dá  
impressão de ser limpinha  
e alli nella, se adivinha,  
o melhor perfume está.  
Mas sei duma que faz má  
hygiene e, pelo faro,  
ao fedor, eu a comparo,  
do gambá! A quem curte, indico:  
engarrafem della o chico  
no menor frasco, o mais caro!

Um michê que muito cobra  
tem o pau bem pequenino,  
mas quotado está o menino  
e cliente tem de sobra.  
Me explicando vou: na dobra  
do prepucio qualquer faro  
saca um sebo nada avaro.  
A quem curte essencia má,  
o melhor perfume está  
no menor frasco, o mais caro.

Ha productos de limpeza  
com cheirinho de limão.

Qual narina excappa illesa  
si dalli se approximar?  
Crê você que nesse bar  
ha productos de limpeza?  
Do banheiro, com certeza,  
vem o odor azedo, e não  
do mais proximo lixão!  
Só narina de fakir  
para aquillo confundir  
com cheirinho de limão!

Me hospedei numa espelunca  
onde tudo fede a mofo  
e mijado é o menos fofo  
dos colchões. Na casa nunca  
siquer entra a porca punka  
nem o sordido punkão.  
Eu tambem não volto, não!  
Alli nunca, com certeza,  
ha productos de limpeza  
com cheirinho de limão!

Água agora se raciona  
até para tomar banho.

Lavar rolla, lavar conna,  
só no sabbado, e olhe la!  
Como a coisa feia está,  
água agora se raciona.  
Ja pensou? Que porcalhona  
fica a gente! Nem me accanho  
mais si alguém vê monco ou ranho  
me excorrendo pela cara!  
Que fazer, si a aguinha é rara  
até para tomar banho?

Que legal! Vae ser cafona  
manter limpa a minha bunda!  
Mesmo a rolla estando immunda,  
água agora se raciona!  
O fedor daquella zona  
corporal nada de extranho  
mais terá! Pretexto eu ganho  
si ter cheiro de gambá  
vou, pois água faltará  
até para tomar banho!



Perfeição esculptural  
tem o corpo da mulher.

Seu sovaco cheira mal,  
mesmo tendo aquella minha  
charmosissima vizinha  
perfeição esculptural.  
Si ella erguer o braço, é tal  
o cecê, que a gente quer  
se affastar quanto puder!  
Fique longe, que é melhor!  
Que bravissimo suor  
tem o corpo da mulher!

Um escandalo é fedido,  
mas dinheiro não tem cheiro.

Que se punam eu duvido  
os auctores dum malfeito  
e, por terem só proveito,  
um escandalo é fedido.  
Mas na bocca si fodido  
eu for quando meu parceiro  
me cobrar, ou no trazeiro,  
pouco importa um pau que fede.  
Cada puto um preço pede,  
mas dinheiro não tem cheiro.

Duma linda bocca quero  
beijo igual ao mel mais puro.

"Doce beijo" não é mero  
linguajar figurativo:  
é o que espero e (Até salivo!)  
duma linda bocca quero.  
Mas não pensem que exaggero  
si lhes digo que foi duro  
de engolir o cuspe (Eu juro!)  
ao beijar quem caries tem!  
Com tal baba, dará quem  
beijo igual ao mel mais puro?

Halitose é o mais severo  
dos problemas a quem ama!  
Tal fedor jamais, na cama,  
duma linda bocca quero!  
Si eu sentir, me desespero  
quando o bafo de monturo  
frustra aquillo que procuro  
num momento de prazer!  
Sem tesão, não pode haver  
beijo igual ao mel mais puro!

Approveite emquanto pode  
tomar banho demorado.

Você, caso se incommode  
com cocô grudado ao rego,  
seu banhinho, no sossego,  
approveite emquanto pode!  
Ensaboe seu bigode  
devagar e, com cuidado,  
lave o penis ensebado!  
Amanhan, si a ducha secca,  
vel-o eu quero, de caneca,  
tomar banho demorado!

A vantagem dessa crise  
é mais gente com chulé.

Por favor, ninguém me advise  
que está secco outro riacho!  
Mas, pensando bem, eu acho  
a vantagem dessa crise...  
Si é meu fracço que me pise  
um rapaz que tenha pé  
chulepento, torço até  
para haver racionamento,  
pois, sem água, o que eu enfrento  
é mais gente com chulé...

## VICIOS VISCERAES

Compuz, apoz cagar, este conceito:  
o arrocto para o vomito estará  
assim como está o peido para o feito  
no vaso sanitario, si eu acceito  
que merda toda obra de ser ha  
e quem arrocta as obras é suspeito.

Vomita desabbafos quem se expressa  
em obra litteraria de valor,  
mas caga, geralmente, quem, sem pressa,  
se senta, raciocina e texto à bessa  
produz em poesia si, a compor  
sonnettos, uma decada atravessa.

Si não fede, si não cheira,  
não tem graça a poesia.

Si for rosa da roseira  
não é lama do chiqueiro.  
Ou é falso, ou verdadeiro.  
Si não fede, si não cheira,  
não é verso que se queira  
portavoz da porcaria  
nem fugaz perfumaria.  
Eu prefiro a fedentina!  
Sem um faro que a defina,  
não tem graça a poesia!

Poesia não é mera  
padaria nem é pura,  
multicor floricultura.  
Si não ousa, nada altera.  
Si não suja, odor não gera.  
Si não fura, é voz macia.  
Si não fere, é ducha fria.  
Si não fode, é punheteira.  
Si não fede, si não cheira,  
não tem graça a poesia.

Addoesce o adolescente  
do fedor que delle emana.

Si eu disser “odorescente”  
o sentido original  
manterei fiel, do qual  
addoesce o adolescente.  
Deante delle, a gente sente  
o fedor de uma semana  
sem lavar um pau sacana,  
um pé chulo, um cru sovaco...  
Ha quem faça até seu fracco  
do fedor que delle emana.



Pé de porco ou caviar?  
Dobradinha ou escargot?

As nojeiras do jantar  
ou do almoço não teem classe.  
Pobre ou rico, tem quem trace  
pé de porco ou caviar.  
Si você tem paladar  
refinado ou seu avô  
lhe ensinou que até "fedô"  
de chiqueiro é "naturá",  
algum asco inspirará  
dobradinha ou escargot.

Que mammata! A propaganda  
será paga por quem vota!

Eleição sempre demanda  
muita grana. A solução  
é cobrarem do povão  
(Que mammata!) a propaganda.  
Caso a practica se expanda,  
fará farra, com a nota  
que recebe, essa patota  
marketeira, e ja se assanha!  
Na campanha, até champanha  
será paga por quem vota!

Si os politicos apenas  
nos fornicam, qual será  
a campanha que tem ja  
seu horario? Quaes amenas  
discussões terão antenas?  
Fallarão em qual chochota,  
ou qual bocca, ou cu, se bota?  
Desse jeito o Brazil anda!  
Que mammata! A propaganda  
será paga por quem vota!

Mais choveu, mais cae o nivel  
do Systema Canthareira.

Ah, brincou! Não é possível!  
Ou à midia rende o thema  
ou tem rallo o tal "systema"!  
Mais choveu, mais cae o nivel!  
Si o jornal for infallivel,  
beber agua, caso eu queira,  
não me banho! Ah, brincadeira!  
Fedorento e suadaço  
fico, então: bom uso faço  
do Systema Canthareira!

Nas mulheres não se batte  
nem sequer com uma flor.

Sobra macho que as maltracte:  
chutes, socos, bofetadas...  
Só com flores perfumadas  
nas mulheres não se batte!  
Uma excappa caso accapte  
o que exige o seu senhor:  
chupa, engole, aguenta odor  
com o qual não se accostuma,  
um bodum que não perfuma  
nem sequer com uma flor.

O inimigo a gente accusa  
de fazer o que fazemos.

Confidencia faz, confusa,  
um politico, que diz:  
"De ter culpa do que eu fiz  
o inimigo a gente accusa."  
O eleitor, pois, que deduza  
si foi franco e com quaes demos  
fez taes pactos, que os extremos  
approximam. Frei Thomaz  
ja negou, mas é capaz  
de fazer o que fazemos.

Na politica, só vale  
do povão tirar proveito!  
Como lider, eu receito:  
Quem protesta que se cale,  
ou negamos, caso falle!  
Lucraremos com extremos?  
Aos extremos nós iremos!  
Si alguém diz que a gente abusa,  
o inimigo a gente accusa  
de fazer o que fazemos!

Eu te odeio, tu me odeias,  
mas, por seres meu, sou teu.

Das bellezas que acho feias  
és paiz e eu, filho, auctor  
do que feio achas compor:  
eu te odeio, tu me odeias.  
Si teu sangue em minhas veias  
corre e é menos europeu,  
teu jeitinho ja me deu  
sobrevida como cego.  
Sou-te um fardo e eu te carrego,  
mas, por seres meu, sou teu.

Eu não entro no Fla-Flu,  
pois meu time é de outra cor.

"De que lado estarás tu  
no momento decisivo?" -  
me perguntam, mas me esquivo:  
eu não entro no Fla-Flu.  
Só não pensem que de cu  
na mão fico: tenho amor  
à camisa e torcedor  
sou fanático, porém  
tal final não me convém,  
pois meu time é de outra cor.

Um só clássico não ha  
no país e contra "nós"  
não são "eles", quando a voz  
popular resposta dá  
ao jogador do blablablá.  
Paixão tenho, mas si for  
rubronegro ou tricolor  
um brasão, meu peito é nu.  
Eu não entro no Fla-Flu,  
pois meu time é de outra cor.

## BASHA BAZI

Julgavas que eu invento o que versejo?  
Estás desinformado da tremenda  
barbarie que a internet, em offerenda,  
nos disponibiliza a todo ensejo!

Estavas ja chocado com a venda  
de escravas menininhas no varejo  
dalgum estado islamico? Pois vejo  
haver mais coisa ainda que te offenda!

Eu, sendo um afegão, digo-te: inflijo  
o mesmo aos menininhos e acho linda  
a scena em que um escravo meu, ainda  
impubere, me chupa o phallo rijo!

Te espantas? Tradição alli, não finda  
aquillo ante o Corão! Sorvendo o mijo  
dos tiras e milicos (nem me afflijo  
com isso), o fellador mirim nos brinda!

Entendo que uma scena assim te enoja,  
mas sabes que em meus versos nunca escondo  
taes factos, que os blogueiros vão expondo  
samente agora, como moda em loja...

Consola-te, comtudo: as midias, cuja  
moral se autocensura, teem profundo  
horror ao vil pedophilo, ao immundo



reporter que por temas taes babuja...

Si correr, o bicho pega.  
Si ficar, o bicho come.

Si protejo meu collega  
de partido, ou sou padrinho  
"physiologico", ou me "allinho".  
Si correr, o bicho pega.  
Si me "allinho", logo allega  
quem se oppõe que é tudo em nome  
do esquerdismo. Caso eu tome  
posição de que "allinhavo",  
vão dizer que é só conchavo.  
Si ficar, o bicho come.

Eu nas urnas vou à lucta!  
Quem se oppõe sempre contesta,  
mas quem ganha faz a festa!  
Quem perdeu outra disputa  
do meu cargo não desfructa!  
Ou as obras teem meu nome,  
ou a verba toda some!  
Nunca fujo da refrega!  
Si correr, o bicho pega!  
Si ficar, o bicho come!

Tem de tudo, até quem faça  
culinaria com a porra!

Com conhaque e com cachaça,  
no puddim ou na salada...  
Na cozinha deturpada  
tem de tudo, até quem faça  
de cocô café... Na massa  
qualquer liquido que exorra  
será molho? Nem que eu morra  
no meu prato o exgotto topo,  
nem acceito no meu coppo  
culinaria com a porra!

Disse Gandhi: olho por olho,  
todos cegos ficaremos.

Si a justiça que eu escolho  
for apenas desferrar-me,  
lembro quando, dando o allarme,  
disse Gandhi: olho por olho,  
não porá jamais de molho  
nossa barba. Taes extremos  
de vingança condemnemos,  
pois si a gente, vida affora,  
tambem erra, não demora  
todos cegos ficaremos.

Quem os outros appedreja  
deveria pensar antes  
si entre falsos practicantes  
não está, caso se veja  
num espelho ou numa igreja.  
Communs crimes commetemos:  
quando mando alguém aos demos,  
mesma praga planto e colho.  
Disse Gandhi: olho por olho,  
todos cegos ficaremos.

Quando a merda n'agua batte  
sobe um jacto e molha o rego.

O poeta acha nojenta  
sua merda, porem quando  
vae cagar, está pensando  
noutra coisa, ja que tenta  
transformar um deca em penta.  
Si suppunha ter sossego  
ao sentar no vaso, é pego  
de surpresa o nobre vate:  
quando a merda n'agua batte,  
sobe um jacto e molha o rego.

É mais fácil ser poeta  
que empurrar cego em ladeira.

Para aquelle que interpreta  
com sarcasmo a podriqueira  
que nos cerca a vida inteira,  
é mais fácil ser poeta,  
pois a coisa mais concreta  
neste mundo que já beira  
a barbarie, é o que nos cheira  
a cocô, que é, para o estheta,  
coisa menos incorrecta  
que empurrar cego em ladeira.

Mais ninguem pode dizer  
de qual agua beberá.

"Desta aqui não vou beber,  
nem daquela la, jamais!"  
Essas phrases, ou quetaes,  
mais ninguem pode dizer.  
Todos temos o dever  
de poupar agua: não dá  
para achar que em nosso cha  
não lavou alguém o pé.  
Quem mijou ja sabe até  
de qual agua beberá.

## ODE INELEGIACA

Nas lendas da Policia Militar  
figura um Major Solon, que não é  
com outros confundido e se destaca  
por nunca ter postura molle ou fracca;  
que, alem do treinamento proprio, até  
nas artes marciaes foi exemplar.

Elites commandou na tropa, a dar  
severas instruccões! Si punha o pé  
na cara do opponente, "macho paca",  
a zero o reduzia, sobre a maca  
levado, inconsciente! Era um ballé  
seu agil ponctapé, subindo ao ar!

Num caso de sequestro, Solon fez  
seu ultimo espectáculo, pois quiz  
agir pessoalmente. Sem que sangue  
corresse, pretendeu cercar a gangue,  
livrando seus refens! Foi infeliz,  
cahindo, por azar, na mão duns trez!

Sim, muitos libertou, mas mais de mez  
passou num hospital! Os bisturis  
salvaram-no dos tiros. Não se zangue,  
leitor, mas a peor no banguê-banguê  
levou Solon: armados de fuzis,  
crivaram-no! Viveu, mas hoje é um ex!



Mactou dois delles, sendo que um terceiro, sem certa identidade, foragido ainda está. Dos tiros, uma balla entrou-lhe na cabeça e, ao retiral-a, tiraram-lhe a visão! Bem, não duvido dos medicos, num caso "corriqueiro"...

Porem, me surprehende que um guerreiro tão bravo como Solon tenha sido num monge transformado! Sua falla, agora, é pacifista, pois se eguala ao coro dos ceguinhos com quem lido, humildes, trabalhando o tempo inteiro...

Tornou-se massagista de pés, facto a todos impensavel para alguem altivo e superior. Ao vel-o alli, curvado ante os clientes, ja sorri, de pena ou gozação, quem o pé vem tractar, um pé calloso, largo e chato...

Na clinica em que Solon é cordato peão, quem comparece não quer nem saber si elle enxergou (como eu, que vi durante um tempo): curte mesmo é si bem dextro é o massagista e jeito tem na sola que bem tracta com seu tacto.

Não é que seu freguez, agora, é um certo  
bandido foragido? Como não  
será reconhecido, o “mano” visa  
chegar si é o cego aquelle que, em pesquisa  
na rede, achou ser Solon! Folgadoo,  
reclina e se accomoda, riso aberto.

O cego, que o pezão tem de si perto,  
chulé sentindo, cala-se. Com mão  
suave, accaricia quem lhe pisa  
nos brios. Uma sola nada lisa  
deleita-se! Eis, pois, como um olho são  
castiga um cego e, em ode, eu ca me apperto!

Os politicos teem tudo  
que eu jamais terei na vida!

Teem carrão, saldo polpudo,  
caviar, champanhe, orgia,  
sinecura, mordomia...  
Os politicos teem tudo!  
Mas com isso não me illudo,  
pois o povo os appellida  
de "bundões" e uma soffrida  
praga aos fundos delles lança,  
qual um "cancer na poupança",  
que eu jamais terei na vida!

Sem auxilio-moradia  
nem auxilio-paletó,  
vivo duro que dá dó!  
Ah, será que irei, um dia,  
me eleger? Que bom seria!  
Ter carrão, boa comida,  
palacete onde resida...  
Mas, enquanto eu me sacudo,  
os politicos teem tudo  
que eu jamais terei na vida!

Me convocam, mas recuso!  
Não serei mais candidato!

Não, jamais! Não farei uso  
do dinheiro do eleitor!  
Temptações, é de suppor,  
me convocam, mas recuso!  
Vou gastar-o só si incluso  
ja estiver, caro ou barato,  
no meu saldo, pois eu tracto  
de, primeiro, transferil-o!  
Si accabarem com aquillo,  
não serei mais candidato!

Satisfiz tanto eleitor  
masochista que em mim vota!  
Fiz neguinho lamber bota,  
dar o cu, sentir sabor  
de cocô, supportar dor...  
Mas cansei! Parei! Não batto  
mais de relho! Ficou chato...  
Os que gostam desse abuso  
me convocam, mas recuso!  
Não serei mais candidato!

## MINGAU DAS ALMAS

Não é que delle a fama suja eu queira  
expor, mas é que o velho é porco, estou  
dizendo! Veja a cama onde deitou!  
Babou no travesseiro a noite inteira!

Si fosse apenas essa a podriqueira  
que o velho exterioriza, até me dou  
por porco, eu inclusive... Mas faltou  
dizer que seus fedores elle cheira!

Na poça que encharcou o travesseiro,  
fedendo a purulenta carie, ou chico  
de puta, elle cafunga e adspira o cheiro!

Contenta-se o babão? Não! Odorico  
(seu nome) pappa o creme, mas, primeiro,  
naquillo passa o dedo! Ah! Pasmou eu fico!

## DICA QUE FICA

Ja desde adolescente está vez cada  
mais sujo o seu calção, na frente e attraz.  
Nenhuma lavadeira sumir faz  
a mancha na cueca, amarellada.

Daquillo que a nenhum homem aggrada  
mostrar, indifferentes ao rapaz  
são essas impressões, são essas más  
idéas feitas entre a molecada.

“É porco, esse Odorico!”, eis a fofoca  
que corre. “Tomar banho, elle não quer!  
De meia e de cueca, elle não troca!”

Parece divertir-se e, si puder,  
de nojo as reacções elle provoca.  
E quanto à namorada, ou à mulher?

## COLLA NA SOLA

O joven Odorico com mau jeito  
ou com categoria, de biccuda  
ou lettra, tracta a bolla. Mas não muda,  
descalço das chuteiras, seu defeito.

Não lava os pés! Suor juncta, do peito  
ao grosso calcanhar: tanto elle exsuda,  
que, quando anda descalço, no chão gruda  
a sola e deixa marca! Eu me deleito!

Escuto a mãe gritando: “Dodô, lava  
agora esse pé sujo! Mas que cheiro  
horriavel!” Odorico a manda à fava.

Pensando fico: “E quando esse bolleiro  
com sua mina trepa? Tem que escrava  
ser, para alli lambel-o!” E o gozo eu beiro!

## FEZES QUE SE PREZEM

No tempo recuando, um Odorico  
creança ainda achamos, que, mal faz  
cocô, quer contemplar tudo que jaz,  
formando caracol, no seu penico.

Contempla e, não contente, quer seu rico  
thesouro examinar. Encontra, attraz  
dum solido tolete, outro que traz  
grãozinhos incrustrados e faz bicco.

Os dedos Odorico mette nisso,  
appalpa, pega, pesa, vira, fura,  
distingue qual mais molle ou inteiriço.

Depois de analysar-lhes a textura,  
o cheiro quer provar, sem compromisso,  
e accaba mordiscando a crosta dura.



## DAMNINHA ESPINHA

Olhando-se no espelho, o rapazola  
se espanta: que caroço tão vermelho  
é esse? Elle illumina mais o espelho,  
comprova ser espinha e se desola.

Coitado do Odorico! Vae, na eschola,  
ser feito de palhaço! O rapazelho  
se afflige. Talvez seja bom conselho  
deixar quieto, mas logo elle se exfolia.

Primeiro, expreme a espinha, que lhe espirra  
no dedo o carnegão. Mas o calombo  
não some e do rapaz augmenta a birra.

Pensando nalgum ovo de Colombo,  
Dodô passa a gillette nelle... Hum! Irra!  
Melhor de esparadrappo um bom biombo!

## ADHERENTE E REPELENTE

Não lava, ao levantar da cama, a sua narina, esse Odorico! O resultado é vermos, nos pellinhos pendurado, o monco esverdeado, à vista nua...

Ballança e não se solta! Não recua si o ranho elle cafunga! E, si assoado aquelle narigão, fica grudado nos pellos do bigode! E assim na rua...

Peor é que o Dodô todos encara com ar de desaffio! A turma espera a scena que deixou, ja, de ser rara...

Dodô pega a melleca, enrolla, altera a forma original e, olhando para alguém, engole, rindo, a molle esphera!

## GATTA QUE EMPATTA

Suando está, por tudo quanto é poro,  
o joven, que chamar seu nome espera  
a bella professora. Ouve a panthera  
chamar por Odorico Deodoro.

Levanta-se e declama: "Ah, como adoro  
o ardor primaveril, a primavera  
florida, que abre as asas à paquera!  
A folha, eu a desfolho; a flor, defloro!"

Sorrindo, a mestra explica que o poema  
está bom, mas "paquera" apropriado  
não é nesse contexto e nesse thema.

Dodô se senta. Está todo esportado  
nas calças. "Jesus Christo! (elle blasphema  
por dentro) Ai, si eu te pego! Onça, cuidado!"

## QUEM SE PELLA POR REMELLA?

Nos olhos Odorico ja accumula  
remella de trez noites, sem lavar.  
Sentindo a cocceirinha, devagar,  
o dedo passa nelles, ja com gula.

Sim, gula! Não me espanta que elle engula  
a gosma amarellenta! Paladar  
nenhum supera aquillo! Degustar  
tal creme ama o rapaz de expressão chula...

"Ai, puta que pariu! Que cocceirinha  
gostosa! Ai! Vermelhão ficou meu olho?  
Ai, foda-se! Você nem adivinha!"

"Melhor é que a mostarda, ou outro molho!  
Provou sua remella? Eu como a minha  
e adoro! Nem bem juncta, eu ja recolho!"

## OUVIDOS DE MERCADOR

Sim, claro que Odorico tem costume,  
alem de mais alguma secreção,  
de, apoz ter dado allivio à comichão,  
tirar do ouvido um monte de cerume!

Será possivel que elle não arrhume  
qualquer outro petisco? Acaso não  
seria preferivel um torrão  
de assucar, um chiclette com perfume?

Que nada! Quer Dodô sentir amargo  
na bocca, apreciar todo o fedor  
da cera, sem naquillo ver embargo!

Eu mesmo ja provei desse amargor,  
apenas por provar, por desencargo  
da minha consciencia... ha que depor!

## DESAFFIO DENTAL

Eu tento controlar o riso. Rio,  
porem, quando me contam, toda vez.  
Controlem-se e não riam, que a vocês  
contar vou que Odorico adora um fio.

Pois é: fio dental. Sei que arredo  
à escovação dos dentes é, mas fez  
questão, sempre, do fio. O que, talvez,  
prazer lhe cause é o cheiro, ao que advalio.

Passada aquella linha pelo vão  
de cada fedidissimo molar,  
Dodô leva ao nariz a aguada mão.

Nos dedos fica um caldo e, devagar,  
adspira aquelle aroma forte e tão  
rançoso, que até chega ao gozo, a arfar!

## NO BOJO DO NOJO

A minha conclusão é que a attitude  
nojenta do Odorico não seria  
apenas passageira phantasia,  
capricho natural da juventude.

É tara, é perversão, pelo que pude  
notar. Mas o problema é que a mania  
do agora velho, tudo evidencia,  
ocorre a muita gente! Alguem se illude?

Dodô chama a atenção por ser sincero,  
fazendo, escancarado, aquillo tudo.  
Os outros dissimulam, dizer quero.

A propria urina bebe o mais sisudo  
guru! Porra deglutte a puta! Espero  
ter sido conclusivo o meu estudo...





## A lira revolucionária de Glauco Mattoso

Rodrigo Bravo

*“Eu não acredito no papel social nem da poesia, nem da arte. (...) Na verdade, as coisas na sociedade se transformam muito pouco. [...] Sempre existe uma relação de dominante/dominado, de desigualdade, que compõe o agregado social. Isso quando muda é para inverter a posição das partes dominantes e dominadas ou pra trocar de dominantes e manter os mesmos dominados. É aquela coisa de dizer que ‘mudam os caralhos mas não mudam os cus’. Na verdade, eu acho, a arte pouco interfere nisso.”*

Glauco Mattoso

Travo-me com as formas fixas de versificação desde a tenra idade, desde antes mesmo de apreciar e escrever poesia. Lembro-me que a primeira vez foi quando, ainda aluno de ensino fundamental, fez-me a professora ler o famoso soneto “Amor é fogo que arde sem se ver”, de Luís de Camões. Verdadeira amante da literatura que era (infeliz e assustadoramente coisa rara entre professores de língua portuguesa hodiernos), ensinou-nos a escandir o verso e pediu que tentássemos compor outro poema naqueles moldes tão antigos. É óbvio que o fiz a contragosto (rebeldia de criança), e que essa primeira composição, feita misturando má vontade e inexperiência, saiu deveras horrorosa.

Minha vacilante relação com a poesia em língua portuguesa só foi oficialmente reatada vários anos depois, já aluno do

primeiro ano do bacharelado em Letras, em que fui aluno de meu hoje amigo e mestre Antonio Vicente Seraphim Pietroforte. Meu objetivo inicial, à época, o de me formar em letras clássicas, foi bastante alterado pelos novos mundos que se me abriam na famigerada disciplina de “Elementos de Linguística” (fato que, até hoje, me questionam espantados os colegas de língua grega e latina os rumos por onde me meti...). Pela primeira vez fui exposto a até então arcana Literatura Contemporânea – como disse-me o próprio autor deste *Polittica*, anos depois, nossa crítica literária tem sérias tendências necrófilas, ignoram tudo que veio depois do Modernismo –. Saber que há escritores após Drummond é coisa clara e óbvia, mas que, certa e tristemente, passa despercebida a muitos alunos não apenas da educação básica, mas também de cursos de literatura do terceiro grau; situação em que, coberto pelo véu da nesciência, me incluía.

De todos os poetas apresentados em aula, confesso, com medo de deslizar-me à gabarolice, o que mais me chamou a atenção (ao ponto de modificar radicalmente minha concepção de poesia e postura enquanto pesquisador de literatura), foi Glauco Mattoso. Lembro-me até mesmo do soneto analisado naquele dia, trata-se do “Soneto Flatulento [192]”, o qual reproduzo abaixo, na íntegra:

O peido, mais que o arrote, inspira o riso  
gostoso, desbragado, gargalhado,  
da parte de quem pode ter peidado,  
enquanto os outros fazem mau juízo.  
Com base no meu caso é que analiso,  
pois, mesmo estando a sós, enclausurado,  
gargalho após os gases ter soltado  
e aspiro meu fedor, feito um Narciso.  
Me ponho a imaginar a reação  
de alguém afeito a normas de etiqueta  
colhido de surpresa ante o rojão...  
Meu sonho era peidar fumaça preta

na mesa dum banquete, para então  
deixar que a gargalhada me acometa...

Na hora, vieram-me à cabeça todos os sonetos que já tinha visto: “O Morcego”, de Augusto dos Anjos; “Língua Portuguesa” de Olavo Bilac; o já mencionado “Alma minha...”; o 18 de Shakespeare (“*Shall I compare thee to a summer day?*”); “Greece”, de Oscar Wilde, etc. Como eram todos esses diferentes dessa peça, cuja récita agora ouvia! Não era, porém, na elocução que “Flatulento” diferia dos outros sonetos – seu léxico, embora pontuado por palavras de baixo calão, ecoava a mesma erudição de um poema parnasiano ou simbolista –, tampouco diferia na estrutura e nas coerções gerais do soneto – era composto inteiramente por decassílabos heroicos perfeitos, de andamento jámbico dipeônico quarto<sup>1</sup>, com *enjambements* dignos da inveja dos Barrocos portugueses, se estivessem vivos para lê-lo, e com bela mistura de rimas ricas e pobres, tal qual amalgamava o vocabulário rude ao elevado –. A verdadeira diferença que “Flatulento” portava em relação aos demais sonetos, fonte de seu choque e verve, reside em sua matéria, seu conteúdo: ao versejar sobre o peido e outros ruídos gasosos humanos, servindo-se da sisuda e depurada forma do soneto, Glauco dá beleza estética ao grotesco, torna-o obra de arte, assumindo ao mesmo tempo postura iconoclasta e profana; retoma tradição em ruptura, incrementando com novos temas um gênero de poesia oriundo da Renascença. A poesia de Mattoso leva o soneto, forma iluminada pelas luzes da Renascença, às lúgubres masmorras de *BDSM*, à podolatria e outros fetiches, e ao fedor da escatologia. Inegável, portanto, dizer que estamos diante do que há de melhor na literatura experimental.

---

1 Estrutura clássica do verso decassílabo heroico, composta de um pé jámbico (uma átona e uma tônica) e dois peões quartos (três átonas e uma tônica): *as/ AR/mas/ e os/ va/RÔES/ as/si/na/LA/dos*.

Ao ler as palavras *literatura experimental*, deve, talvez, o leitor ter torcido o nariz. Lembro-me de outra anedota: ao ter mostrado um poema de Ernesto Manuel de Melo e Castro a um de meus professores, disse-me ele ter estranhado meu chamá-lo de *poema experimental*, uma vez que se tratava de um poema *verbal*. Compreendo hoje que o mestre equivocado confundira poesia *concreta* com *experimental*. Creem não apenas ele, mas muitos outros, que *experimentalismo* poético consiste em técnicas específicas de movimentos artísticos restritos ao Modernismo: poesia sonora, poesia dadaísta, surrealista, concretista, visual, serial... de modo que um singelo soneto a descrever o deleite do flatular é visto com olhos diversos, como fosse simplesmente forma “arcaica” de composição (termo que uso ciente de seu horror) enfeitada com adornos de “mau gosto”, mera curiosidade no cânone da poesia brasileira. Postura nenhuma poderia estar mais equivocada.

*Arte experimental* não é, como pensam os incautos, coisa hodierna ou recente. O segundo poema da tradição ocidental, a *Odisseia*, já experimenta com a forma narrativa do primeiro, a *Iliada*: onde se vê, no poema de Aquiles, linearidade narrativa, já se pode constatar, no poema da viagem de Ulisses, eventos se sucedendo fora da ordem convencional. *Experimentalismo*, portanto, não pode ser simplesmente circunscrito a uma escola ou escolas literárias, mas deve ser visto como tendência de composição: se, por um lado, certas obras instituem e confirmam tradições, há obras, pelo outro, que, ao reconhecer as amarras que prendem determinado gênero poético, rompem-nas e reatam-nas em outras possibilidades e dão-lhe novos encaminhamentos; criam estas até mesmo, muitas vezes, em seu movimento de ruptura, novos *establishments* à arte literária – vê-se, por exemplo, quando Shakespeare adapta as coerções da teatro Antigo ao mundo Medieval tardio, o surgimento do que conhecemos hoje por tragédia elisabetana –.

Sei que posso não ter convencido o leitor com meus exem-

plos, que podem ter soado dissonantes frente tantos anos de crítica literária (e de preconceitos) a dizer exatamente o contrário. Por isso que trouxe comigo outros dois casos interessantes: o do *haikai* e do *epigrama helenístico*. Nascido no seio da corte feudal japonesa, o *haikai* era joguete de nobres, consumido pela elite do shogunato em simpósios em que poetas se digladiavam em competições poéticas – quem não conseguisse continuar corretamente, ou fosse calado, perderia o combate –. Foi apenas com os ideais trazidos pela poesia de Matsuo Basho que a forma diminuta do *haikai* deixou de ser mimo da casta samurai e se tornou manifestação máxima da ascese e do *zen*. Se em Takamasa, poeta da primeira sorte de *haikai*, se lia

*até a neblina  
vai se levantar com manchas  
é ano do Tigre[,]*

*haikai* em que cria singela imagem dos úmidos verões japoneses – mas nada além disso –, Basho emendava

*no tronco recurvo  
um corvo que se alinha, repousado,  
noite de outono [,]*

mesclando, na delicada imagem do pássaro a empoleirar-se e endireitar-se num tronco de árvore, duas tradições artísticas japonesas: o *corvo*, animal que representa a morte no *haikai* clássico, se torna o personagem frequente das gravuras de *sui-bokuga*, de modo que as linhas negras das letras do poema, escritas em nanquim sobre o papel de arroz, são ao mesmo tempo a palavra *corvo* e seu ícone estilizado. Através da mescla das artes, escapa-se à morte e alcança-se o estado ascético do *satori*.

No epigrama helenístico, o caminho foi inverso em relação ao do *haikai*. O gênero epigramático, que surge concomitan-

temente à escrita (*epigramma*, em grego, quer dizer “sobre a letra”), têm sua gênese nas inscrições tumulares – em que se elogiava, em sua tumba, o falecido – e nos ex-votos aos deuses – em que se descrevia o objeto ofertado e sua procedência. Compilados e catalogados pelos poetas da biblioteca de Alexandria e suas rivais, o epigrama logo passou a ser encarado não como *inscrição* com propósito utilitário, mas torna-se essencialmente literário e imitativo, capaz de conter os inúmeros temas<sup>2</sup> que lhe foram impingidos. Seu poder de concisão e sua extensão breve permitiu aos poetas compor diminutas bombas de sentido, cuja malha de referências obscuras se entrelaça em lépidos opúsculos de dois a seis versos. Desse modo, pode transformar-se o epigrama, graças à experimentação poética e à fusão dos gêneros, antes instrumento religioso, como ilustra esta composição de Nósside,

[6.275]<sup>3</sup>

*Aceitou Afrodite, como oferta, a rede  
que adornava os cabelos de Samita;  
Tecida com destreza e de aroma do néctar,  
com que a deusa unge o belo Adônis[.]*

em jocosa tirada erótica, fundindo à baixa elocução o peso do verso épico grego (qual Mattoso no soneto!), como mostra-nos esta pérola de Rufino,

[5.76]

*Antes, da primavera eram sua pele e seios,  
e belos seus pés, cachos, porte e olhar;*

- 
- 2 Como o erotismo, a poesia sapiencial, o chiste, a charada e, posteriormente, na idade média até mesmo o louvor cristão
  - 3 Os números dizem respeito ao posicionamento do poema dentro da grande compilação de epigramas Antigos e Medievais chamada *Antologia Grega*. O primeiro número indica o livro (no caso, o sexto, de epigramas votivos), o segundo indica o número do poema no volume.

*mudada agora pelo tempo, o acinzentar,  
e a velhice; tem nem a sombra antanha;  
ela veste peruca e tem rugas na cara,  
tendo enfeado mais que um macaco.*

Os dois casos que apresentei, embora despontem em direções contrárias, irmanam-se no dotar *gêneros antigos e consolidados* de *novos temas e figuras*. São, portanto, *experimentações com o conteúdo*. Ora, se são igualmente importantes e indissociáveis ambos os planos da linguagem (conteúdo e expressão), tem mesmo valor que os malabarismos cromáticos da poesia visual e a aproximação da linguagem verbal à musical na poesia sonora o programa poético de Glauco Mattoso: o de transformar o soneto (e digo que bem sucedida, pois nosso poeta é recordista absoluto em número de sonetos individuais – 5555! –), em gênero de poesia *hardcore*, cujos elos outrora abstraídos em sua estrutura silogística, fazem-se agora de áspera juta e marcam sílabas masoquistas amarradas. Na poesia de Mattoso, os versos fixos e as rimas são coagidos a descer de seu pedestal parnasiano e a lambar os pés sujos das coisas chãs; retorcem-se por descrever sagas da burguesia proletarizada no centro velho de SP<sup>4</sup>, prepúcios repletos de sebo fedorento e sexo anilingual por onde escapam gotas de ardiloso chocolate.

Em seu mais novo livro, *Polititica*, Mattoso ataca tema tão vil quanto os elencados acima (atrevo-me a dizer que ainda mais vil que os ditos cujos). A equiparação, por meio da singular palavra valise, da *Política* às fezes deixa claro o alvo de sua lira: a escabrosa situação dos discursos políticos Contemporâneos, tanto à esquerda quanto à direita, numa era em que a morte do diálogo é assinalada pelo presidente dos Estados Unidos tuitando “*cofefe*” do alto de sua demência senil na Casa Branca.

Mas seria a fecal situação da política algo restrito apenas

---

4 cf. o romance lírico, *Raymundo Curupyra* (2012)

ao nossos tempos? Rápido golpe de vista na história do bicho humano para que se veja algo constante: as estruturas executivas e legislativas e judiciárias, por mais diversas que sejam, existem apenas como discurso — papinho torpe — que visa a justificar o poder de um grupo sobre outro. Glauco, creio, concorda com o que digo, ao evidenciar, logo no primeiro poema do livro, o eterno ciclo de mesmice, próprio à política, que se repete a cada novo sistema instaurado:

Ora, deixa como está  
para ver como é que fica!

Em politica, não ha  
melhor phrase que defina  
o que fica na latrina:  
“Ora, deixa como está!”  
Quem alli cagou não dá  
a descarga, mas dá dica  
de que igual acha a titica  
ao seu voto, a merda ao motte.  
No cagão você que vote  
para ver como é que fica!

Ja na merda até o pescoço,  
fazes tu reclamação  
ao politico, que não  
vê perigo nesse fosso:  
- Tu te adaptas! Guenta, moço!  
Si lamentas tua zica,  
o politico replica  
e risada ainda dá:  
- Ora, deixa como está  
para ver como é que fica!

“Ora, deixa como está/ para ver como é que fica!”. Na mosca! O refrão reiterado assinala, na própria forma do poema, a contínua e imutável condição das estruturas de poder. Além



disso, os esquemas rímico e rítmico do poema reforçam o efeito de iteração: (i) emprega inusitada malha rímica (AB) ABBAABBCCA, que brinca com a memória do leitor; (ii) faz uso de redondilhas maiores (sete sílabas poéticas), compostas de pé anapesto (duas átonas seguidas de uma tônica) e peônico quarto (três átonas seguidas de uma tônica), aceitando ocasionalmente variações dijâmbicas (dois pares de átona seguida de tônica), medida diminuta que aproxima a récita do poema à cantiga e ao cordel (gêneros populares, cujo ritmo dinâmico penetra-nos facilmente a memória). Vê-se, portanto, que Mattoso não apenas experimenta com o conteúdo, como indiquei acima no caso de seus sonetos, mas também com o plano da expressão: seu poema, extremamente engenhoso, denuncia, com mordaz e singela ironia, em sua estrutura propositadamente repetitiva, a imutabilidade das relações de poder entre governantes e governados.

Diferentemente do que pode soar à orelha dos poetas panfleteiros, reprodutores de dogmas, a versificação regular não é amarra para uma pretensa “liberdade do pensamento”. “Onde há alma, há forma”, diria Pessoa no *Livro do Desassossego*. Estes que odeiam o metro afirmam bobamente serem livres, mas não se veem presos na verdadeira prisão monotemática que é seu engajamento cego a transformar a arte da palavra em instrumento de pregação ideológica. Ao coagir o pensamento ao metro — ou seja, fundir a palavra ao seu sentido, maximizando seu poder de comunicação —, e ao inovar com novas formas de manifestar a estrutura do pensamento a que chamamos língua portuguesa, revela-se o poeta verdadeiro revolucionário. O intelecto, adensando-se por meio da complexificação da linguagem, expande seus limites e renova seus paradigmas. Esta sim é a real liberdade de expressão; a que se dá conta do imenso tamanho da cela do pensamento. Consciente, portanto, da impropriedade dos argumentos erguidos contra a poesia metrificada e seu aparente “conservadorismo”, Glauco lança,

em seu “Manifesto Esqueerdista”, o programa poético não só de *Polittica*, mas também, ousou dizer, de toda sua poesia:

#### MANIFESTO ESQUEERDISTA

Confesso-me e professo  
a fé num “esqueerdismo”  
eschizo, no qual scismo  
que faço meu progresso:  
no verso, ja nem peço  
licença de ser dextro  
nem “gauche” e tenho um sestro  
politico a favor  
do lado “fingidor”  
que aos cegos eu sequestro.

Por mais conservador  
que possa parecer,  
masoca é meu prazer  
de escravo aos pés da dor,  
mas, como bom actor,  
sou sadico: gracejo  
e zombo do desejo.  
Portanto, liberal  
me vejo e, como tal,  
engajo-me sem pejo.

Apresentado em primeira pessoa, o poeta tece, em hemidecassílabos (seis primeiras sílabas de um verso heroico, compostas de um pé jâmbico e um peão quarto), seu cisma com a aristocracia da poesia engajada: o uso de vocabulário religioso nos primeiros versos da primeira estrofe (*confesso-me e professo / a fé num “esqueerdismo” / eschizo, no qual scismo...*) não é leviano, mas ironiza o cristianismo autoritário que se esconde por trás de certos discursos contemporâneos, paradoxalmente “anarcomoralistas”; o arremate no quarto verso (...*que faço meu progresso*) demonstra a insistência do poeta em sua

luta, é por meio de seu *esquerdismo esquizo*, de poeta à margem dos marginais, que conduz sua revolução da linguagem. O poeta segue o mote sem pudores (*já nem peço / licença de ser dextro*) e renega o modo “*gauche*” de composição; seu *sestro político* é descrito como sendo *a favor / do lado “fingidor”* que sequestra *aos cegos*, ou seja, entendendo estes últimos como os próprios poetas, rouba-lhes a concepção de literatura como dolo e artifício (o tal *lado fingidor* também tematizado por Pessoa), definidora de sua poética. A segunda estrofe se inicia colocando em evidencia outra questão espinhosa: o preconceito sofrido por poetas que dialogam com o BDSM e com a poesia fetichista. Ao confessar que seu prazer é *masoca*, Glauco nos alerta antes que seu posicionamento pode soar *conservador* (vv. 11-13), ironizando os reclames dos verdadeiros legisladores da sexualidade humana que rechaçam os adeptos do *bondage* ou *kinbaku*; seu argumento final, tal como na conclusão da primeira estrofe, toma sua força do poder vivificador das artes: ainda que *masoca*, o poeta é, na verdade, *sádico*, pois leva a teatralidade e o artifício até mesmo à prática sexual; seu sadismo advém do quanto que ri dos que, em plena pós-Modernidade, ainda se chocam com seu fetiche. O fecho do poema, finalmente, retoma a questão do *engajamento poético* da introdução (a fé que Glauco diz professar): autodescrito agora como *liberal*, protegido por suas convicções estéticas, ele pode se *engajar sem pejo* com sua verdadeira causa: a arte poética.

Além de sua crítica mordaz a posicionamentos de sectos autoritários da esquerda em relação à arte e à sexualidade, “Manifesto Esqueerdista” nos deixa entrever outro aspecto interessante da técnica de versificação de Glauco Mattoso, sua fluidez. O leitor pode, se assim desejar, realizar o seguinte teste: retorne ao poema e leia-o duas vezes, uma enfatizando o ritmo demarcado por cada verso e as sílabas rimadas, outra respeitando a pontuação, como se não houvesse verso e o poema estivesse escrito em prosa. O resultado será espantoso,

garanto; a segunda experiência de leitura dará, certamente, a impressão de que não se trata de poesia de métrica regular, mas da nossa prosa do dia a dia. Ao dominar completamente os encadeamentos prosódicos possíveis da língua portuguesa (após tantos sonetos isso não é surpresa!), Glauco é capaz de dissolver o ritmo da métrica por meio da iteração dos pés e por às claras a versificação natural que se esconde em nossa fala.

O pleno domínio do verso na língua portuguesa não é fruto do acaso, mas obtido com custo, após anos de labor obsessivo. A poesia de Glauco Mattoso, ainda que lidando com temas eróticos e grotescos, se afasta, portanto, desta que se identifica com o coração — a poesia do plexo —, sendo mais próxima daquela aliada ao cérebro — a poesia do nexa —; ele recusa o falar desbragado de seus contemporâneos e a entrega ao fluxo desordenado dos pensamentos, preferindo garimpar e lapidar as palavras com diligência e afinco. Tal postura, se não explicitada pela trajetória literária impecável de nosso artista, torna-se aparente a partir da leitura de “Vícios Visceraes”, o último poema analisado neste breve ensaio:

#### VICIOS VISCERAES

Compuz, apoz cagar, este conceito:  
o arrocto para o vomito estará  
assim como está o peido para o feito  
no vaso sanitario, si eu acceito  
que merda toda obra de ser ha  
e quem arrocta as obras é suspeito.

Vomita desabbafo quem se expressa  
em obra litteraria de valor,  
mas caga, geralmente, quem, sem pressa,  
se senta, raciocina e texto à bessa  
produz em poesia si, a compor  
sonnetos, uma decada atravessa.

Inovando novamente na forma, criando uma variação sobre o madrigal clássico de duas estrofes de seis versos heróicos cada, em esquema rímico espelhado ABAABA, o poeta nomeia dois modos distintos de compor poesia, que chamei aqui, adequando-me a seus termos, de *modo do vômito* e *modo do cagão*, respectivamente. Escreve qual um *vômito* o poeta desbragado, que faz sua fala mal digerida irromper violentamente de sua garganta, em cujo discurso imaturo é colocada de lado a meditação e o estudo em favor da expressão das paixões individuais em forma de *desabafos* (v. 7); escreve qual um *cagão* o poeta diligente, que *sem pressa / se senta, raciocina e texto à bessa produz* (vv. 9, 10), que dá tempo à digestão dos alimentos (aqui metáfora para a poesia) e permite que seus nutrientes (aqui metáfora para a tradição poética) o incorporem. A dicotomia pode parecer invenção de Glauco, mas é na verdade citação a uma querela que se estende desde a Grécia Arcaica aos nossos dias: quando diziam ser Arquíloco de Paros, poeta jâmbico (grosso modo, um Gregório de Matos da Antiguidade), o que escrevia bebendo vinho, e Hipônax de Éfeso o que bebia água, usavam metáforas mais castas para dizer o mesmo. Se abstrairmos e desnudarmos as categorias que os pares *vômito/vinho* e *águalfezes* revestem, descobriremos serem perfeitas na oposição fundamental *difusão vs. concentração*; o tipo de poesia da qual Glauco se afasta é, portanto, aquela que se espalha qual vômito, que não se resolve com sua história e tradição em favor do choque imediato; sua arte é antes daquelas que se labora por horas a fio, que sintetiza e dá novas cores aos temas com que dialoga, qual troço grosso e bem torneado que se dispensa depois de uma cagada bem sucedida.

Se as metáforas das quais me sirvo para descrever a poesia de Glauco Mattoso ainda incomodarem o bom leitor, é porque este *Política*, de certo, lhe será ou foi leitura tortuosa (a depender se começa livros de poesia pelos poemas em si ou pelo posfácio, como eu) e, portanto, cumpre seu objetivo:

a poesia de Glauco Mattoso não é e não será, em momento algum, feita para moralistas tanto em assuntos políticos quanto estéticos. Engajados antes com seu projeto poético e com sua tradição — como deve ser a boa poesia —, os poemas de Glauco não devem ser abordados infantilmente, por críticos que torcem o nariz ao confrontarem-se com seus temas, mas da mesma forma zelosa com que são compostos. São poesia secular, dobrada sobre si própria, livre de ideologias e, portanto, expressão autêntica do pensamento, guiada somente pelo engenho e pelo ímpeto revolucionador da linguagem. Rendido por suas armas, resta-me apenas dizer que os versos de Mattoso, neste *Polittica* e em outras obras, são exemplo de verdadeira resistência na arena das poéticas: marcam seu território conquistado a duras penas, contra as hordas de lunáticos que teimam em devolver os nossos sonhos ao utilitarismo!



## AUCTOR E OBRA

Glauco Mattoso, academicamente estudado como um caso “pornosiano” e “barrockista” de poeta satyrico e fes-cennino, é auctor de mais de cinco mil sonnettos e mais de cincoenta livros de poesia, alem de ficção e ensaio, de um tractado de versificação e de um dictionario ortho-graphico, este systematizando sua reacção esthetica às reformas cacophoneticas soffridas pelo portuguez escripto. Paulistano de 1951, perdeu a visão nos annos 1990 devido a um glaucoma congenito que lhe ensejou o pseudonymo litterario. Sua producção mais volumosa occorre apoz a cegueira, graças a um computador fallante.



POLITITICA, titulo que aproveita um termo adoptado pelo auctor nos annos 1980 (epoca de sua collabora-  
ção no PASQUIM e em outros periodicos da imprensa alternativa), baptiza esta collectanea de ineditos em diferentes estrophações, variando do sonnettilho ao motte glosado e do decasyllabo à redondilha, thematicamente gyrando em torno da critica social e da satyra escatologica. São 69 poemas typicamente representativos do lyris-  
mo mattosiano.

[04/07/2017]

*Politica* é uma realização da Série Neûron produzida e organizada por Antonio Vicente Seraphim Pietroforte e Rodrigo Bravo

Grupo Neûron de Literaturas Experimentais

São Paulo, 2017